

APRESENTAÇÃO

Um dos problemas mais gerais que se pode colocar a uma sociedade, sobre seu funcionamento e sua história é a forma como ela lida com o que aparentemente lhe é oposto e ameaçador. O presente dossiê surgiu da mesa Normalidade e Desvio Social que coordenei em 2004 no encontro da BRASA (*Brazilian Studies Association*), no Rio de Janeiro. A mesa e o dossiê resultaram da indagação sobre o que nossa sociedade faz do Outro e como seria possível desvelar os saberes e as práticas que constroem as diferenças.

Há dois séculos, pensadores das mais diversas áreas refletiram sobre a sociedade em mutação, fizeram diagnósticos e propuseram meios profiláticos para garantir a integração societária. É sobre estes estudiosos e seus discursos a respeito da normalidade e do desvio que esse dossiê procura lançar um novo olhar. A perspectiva comum é histórica, marcada pela genealogia crítica deste par relacional ainda vivo em muitos contextos e práticas sociais.

Quem é normal? Quem é desviante? Ao invés de respostas a estas questões intercambiáveis os textos a seguir retraçam a história dos discursos “científicos” que possuíam o poder de classificar indivíduos em tipologias que mal encobriam seu intuito normalizador. Cada um dos estudos pode ser lido separadamente, mas em conjunto oferecem um panorama dos estudiosos, das teorias e das práticas que emergiram para fazer frente ao fantasma do desvio social.

O dossiê se inicia com um panorama dos estudos sobre normalidade e desvio desde o século XIX até sua configuração nos estudos atuais sobre diferenças. Dain Borges desvenda a história pouco conhecida do conceito de degeneração no pensamento social brasileiro de 1880 até o final do Estado Novo. Seu texto retraza cuidadosamente a forma como nossos primeiros pensadores sociais compreenderam nossa diversidade racial e étnica, diagnosticaram seu futuro e propuseram meios para garantir o “futuro biológico da nação”. O discurso eugênico em metamorfose higienista aparece já no título do artigo. Inchado, feio, preguiçoso e inerte são os adjetivos empregados por Monteiro Lobato para descrever o brasileiro típico, Jeca Tatu.

O estudo de Marcos César Alvarez esboça uma história da criminologia no Brasil em que deslinda a recepção das teorias européias de Lombroso, Ferri e Garofalo, sua aclimação e conseqüências práticas em uma sociedade de passado escravista e perfil autoritário. A seguir, Margareth Rago nos brinda com um relato histórico sobre a prostituição na São Paulo do início do século XX, seu papel modernizador indissociável também de certa marginalidade. Por sua vez, Marcos Nalli apresenta um estudo sobre a história da eugenia em solo brasileiro centrado em Renato Kehl. Nalli analisa a antropologia implícita no discurso de Kehl e as especificidades de seu “racismo”.

O dossiê se encerra com um estudo clássico de Sander L. Gilman a respeito do imaginário da degeneração entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. O Caso Nietzsche analisa obras artísticas e casos reais de assassinatos em que os acusados foram julgados não por seus crimes, antes por suas supostas “naturezas” desviantes e anormais. De forma inteligente e elegante, Gilman associa os saberes eugênicos, criminológicos e sexológicos nessa pequena história de como nossa sociedade associa atos anti-sociais com idéias nascidas em mentes consideradas perigosas.

Essa introdução à história da normalidade e do desvio oferecerá ao leitor um panorama sobre os teóricos, discursos e práticas sociais que durante mais de um século dividiram a sociedade em pólos de aceitabilidade e rejeição. Dessa história é possível extrair referências para lidar com questões contemporâneas das diferenças e das desigualdades sociais, pois ainda vivemos em um mundo que cria seus Outros, aqueles que são, ao mesmo tempo, interiores e estranhos à sociedade.

Richard Miskolci
Organizador do Dossiê